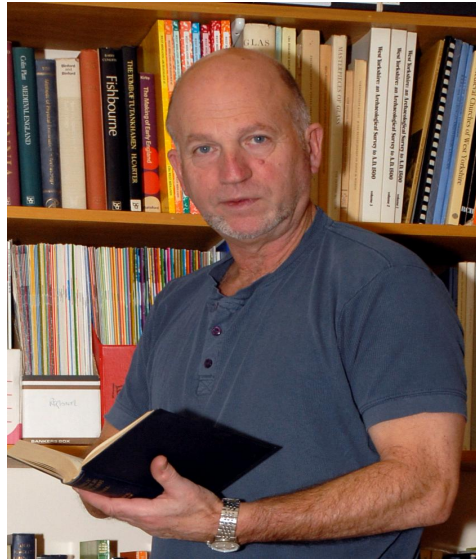


ENTREVISTA: JOHN HUNTER



1

Entrevistador: Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva¹

Em nove de julho, 2015, a Revista CLIO Arqueológica entrevistou John Hunter, Professor do Institute of Ancient History and Archaeology da University of Birmingham, Reino Unido e Consultor da MFL (Manlove Forensics Limited), de Wantage, Oxfordshire, Reino Unido. John desenvolve estudos sobre arqueologia forense desde 1988. Escreveu mais de 10 livros sobre a relação entre a arqueologia e ciências forenses, bem como numerosos artigos e capítulos de livros. Entre os seus mais

¹ Departamento de Arqueologia, UFPE.

recente trabalhos está o livro *Forensic Approaches to Buried Remains*, publicado em 2013, em coautoria com Barrie Simpson, um ex-oficial sênior de pesquisa e médico perito, especialista na análise de cenas de crime e no uso de abordagens interdisciplinares e Caroline Sturdy Colls, especialista em arqueologia forense e do conflito, Professora de Ciências Forenses na Staffordshire University. Neste livro singular, Hunter apresenta as suas concepções mais atuais sobre as tecnologias utilizadas para detectar remanescentes humanos que permanecem ocultados de forma criminosa nos locais de crime. Entre suas obras significativas na arqueologia forense estão os livros escritos com Roberts e Martin em 2002 (*Studies in Crime: The introduction to Forensic Archaeology*) e com Margaret Cox em 2006 (*Forensic Archaeology – Advances in theory and practice*). O Professor John Hunter está comprometido com o trabalho de pesquisa arqueológica em todo o Reino Unido, tendo desenvolvido atividades de campo na Bósnia, Iraque e Falklands palestras rotineiras para a polícia e profissionais da área jurídica. Foi um dos fundadores do Forensic Search Advisory Group, validando o atual sistema de arqueologia forense em atuação no Reino Unido.

2

No Brasil, os textos John Hunter são referências fundamentais para quaisquer estudos em arqueologia forense, quando a arqueologia é praticada na interface com as ciências forenses, com a Antropologia Forense, Biologia Forense, Genética Forense, Entomologia Forense, Engenharia Forense, Medicina Legal, a Química Forense, Toxicologia Forense, Balística, Arte Forense, Papiloscopia, Documentoscopia Forense, Odontologia Forense entre outros. Esta disciplina - arqueologia forense – representa

uma nova reinserção da ciência arqueológica na sociedade, permitindo novas interfaces de colaboração dos arqueólogos em relação aos casos forenses e sua demanda social por soluções e uma maior eficácia em casos criminais no passado e na história do presente.

CLIO: Arqueologia como uma área interdisciplinar tem apoiado o conhecimento das Ciências Forenses para resolver problemas científicos da Antropologia Forense e Arqueologia Forense. O que o seu trabalho apresenta nesta perspectiva interdisciplinar?

JH: As áreas interdisciplinares chave, nesse caso, são aquelas que fazem a busca de restos enterrados (usando habilidades e técnicas arqueológicas desenvolvidas), escavando vítimas soterradas (usando o conhecimento arqueológico sobre estratigrafia, camadas e o potencial de contaminação).

3

CLIO: Quando e por que você começou a pensar sobre a Arqueologia Forense? Quais são os seus resultados ou produtos iniciais? Quais os primeiros estudantes de Arqueologia Forense no Reino Unido?

JH: Observando a polícia do Reino Unido à procura de restos enterrados no noticiário da televisão em 1988: era óbvio que a arqueologia tinha uma contribuição a fazer. As técnicas arqueológicas eram mais sofisticadas e mais eficazes. A Arqueologia forense apareceu pela primeira vez como disciplina em programas universitários de graduação na década de 1990 (mas não como programas de graduação completos). Por volta de 2000, já havia programas de mestrado em Arqueologia Forense.

CLIO: Você tem sugestões para o desenvolvimento da arqueologia forense no Brasil? Isso ocorreria em quais contextos de crime?

JH: Eu não estou familiarizado com o trabalho no Brasil, mas a chave é certificar-se de que a arqueologia esteja integrada no processo desde o início, não sendo trazida, como uma reflexão atrasada, bem mais tarde.

CLIO: Quais são os novos métodos e tecnologias de recuperação de restos humanos em cenas de crime que têm sido empregados por arqueólogos que trabalham no contexto forense?

4

JH: Eu acho que o desenvolvimento de técnicas geofísicas agora tem muito a oferecer. Atualmente estão muito refinadas. Também o uso de imagem aérea (LiDAR) está lentamente sendo desenvolvido e também terá um grande impacto.

CLIO: Quais são as suas recomendações ao arqueólogo para a investigação no caso de vários enterramentos?

JH: Não há nenhuma maneira de vários enterramentos poderem ser escavados rapidamente. O melhor investimento é pensar a estratégia cuidadosamente antes de começar e certificar-se de que existe um sistema de registro rigoroso. Várias sepulturas

muitas vezes precisam de arqueólogos que também são treinados como antropólogos, a fim de resolver questões relativas à presença de ossos misturados.

CLIO: A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tem uma graduação em Arqueologia. Este curso tem disciplinas dirigidas para as ciências exatas e biológicas, com o apoio de outros departamentos, como anatomia e geologia, para a formação de estudantes nas análises qualitativa e quantitativa em suas pesquisas. Qual é a sua opinião sobre quais são as disciplinas essenciais para o arqueólogo que vai trabalhar no campo da ciência forense?

JH: A Arqueologia é muito holística e tem relevância para muitas outras disciplinas. Na área forense, as disciplinas chave associadas são provenientes da antropologia, geologia, das ciências dos solos e das ciências da vida.

5

CLIO: Você já participou ou coordenou cursos de arqueologia que fazem uso da ciência forense no caso da Universidade de Birmingham? Como estes cursos podem ser caracterizados?

JH: Não apenas em Birmingham, mas eles existem agora em muitas outras universidades. Normalmente, uma universidade vai oferecer um conjunto de programas de graduação, por exemplo programas de graduação chamados Ciências Forenses, Investigação de Cenas de Crimes ou Biologia Forense. Os alunos irão escolher qual o

programa que pretendem cursar, dependendo de seus interesses profissionais. Os programas apresentam muitos módulos individuais em comum, ou seja, genéricos, mas também alguns que são específicos para um determinado programa. Um módulo em Arqueologia Forense, por exemplo, pode aparecer nos dois primeiros desses programas, mas provavelmente não no programa de Biologia Forense.

CLIO: Como você pode nos descrever sobre a sua participação no Forensic Search Advisory Group, sobre a validação da arqueologia forense?

JH: O FSAG foi agora ultrapassado por um processo de validação mais profissional. Este é revisado por pares e é reconhecido pelo departamento de Governo do Reino Unido-Home Office. Existe agora uma lista de arqueólogos forenses reconhecidos e creditados aos quais a polícia pode recorrer.

6

CLIO: Quais são as suas perspectivas para o futuro das relações entre a Arqueologia e Ciências Forenses no Reino Unido? Quais são as suas recomendações para o desenvolvimento da arqueologia forense no Brasil?

JH: Arqueologia é agora um componente reconhecido de investigação forense e ciências forenses no Reino Unido. Levou apenas 25 anos! Descobrimos que a melhor maneira de mostrar sua relevância foi por aplicação prática, mas também precisava passar por um processo que estabelecesse qual seria seus objetivos reais. Outros profissionais da lei foram necessários para ser mostrada a sua relevância. Realizamos cursos curtos de

sensibilização para as CSIs², cientistas forenses, patologistas, policiais e oficiais de polícia de todas as categorias. Mas isso leva tempo!

Clio: O que você pensa sobre a relação entre a arqueologia e o meio forense com foco específico na investigação criminal, na identificação humana e a cena do crime? Quais as relações boas e as ruins?

JH: A arqueologia é uma disciplina multidisciplinar. Portanto, funciona melhor com assuntos do tipo "*mãos na massa*", que são extremamente pontuais, como são a entomologia, cenas de crimes, antropologia, palinologia, etc. Ela funciona tão bem com as ciências do comportamento.

Clio: Que textos se destacaram em sua produção bibliográfica sobre arqueologia forense (pedimos para citar de 3 a 5 títulos)?

JH: É difícil dizer, mas gostaria de incluir os dois enormes livros sobre Forensic Taphonomy, de Haglund e Sorg; também Geoforensics por Ruffell e McKinley; e o meu próprio Forensic Approaches to Buried Remains, de Hunter, Simpson e Sturdy Colls.

Clio: Existem diferenças entre os métodos e técnicas de arqueologia forense e

² *Crime Scene Investigation.*

antropologia forense. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre a arqueologia forense e antropologia forense neste caso?

JH: Eu vejo como disciplinas essencialmente separadas, cada uma com competências muito específicas. O arqueólogo forense é um especialista em campo e apresenta habilidades para a escavação, mas com um conhecimento básico da anatomia do esqueleto humano. O antropólogo forense é um especialista no estudo da anatomia do esqueleto humano, mas com um conhecimento básico em arqueologia de campo. Os dois conjuntos de habilidades são complementares.

Clio: Quais são as suas principais recomendações para a prospecção, localização e recuperação de remanescentes humanos em casos de valas comuns em equipes forenses onde os arqueólogos estão presentes?

8

JH: Valas comuns são muitas vezes identificadas a partir de cima (imagens de satélite, possivelmente LiDAR) ou na superfície do solo, através das diferenças intensas de vegetação. A criação de uma vala comum geralmente envolve grande mudança da paisagem. A Geofísica só tem valor se a localização geral da sepultura é conhecida na primeira instância.

Clio: Qual é a sua recomendação para documentar os remanescentes de um enterramento no contexto de campo? Quais são as suas melhores dicas sobre o uso da fotografia e do desenho e da utilização do scanner 3D no campo?

JH: Pessoalmente, eu registro tudo pela fotografia, planos de escala (desenhadas por medição manual, em vez de por via eletrônica) e registros escritos, incluindo fichas simples de registro de contexto. Muitas vezes eu penso que é útil ter fotografias tiradas a partir de uma posição fixa, ao pé da sepultura, mostrando como a escavação ocorre. Eu nunca usei um scanner 3-D no campo.

Clio: Por fim, que métodos tratados no seu livro mais recente têm sido mais eficazes para a localização no subsolo, de restos humanos enterrados?

JH: O uso de medição de resistência elétrica. Isto também pode ser utilizado para produzir imagens 3-D por tomografia elétrica.